

Atuação jesuítica: muito além da catequese

*Jesuit performance:
Far beyond catechesis*

Luis Julián Loyola Quintana¹

Resumo: Este artigo objetiva fazer uma análise das ações inicianas no Brasil tendo como pano de fundo a capitania do Espírito Santo no século XVI. Nessa abordagem buscamos entender como estavam concebidas essas práticas jesuíticas, sendo elas missionárias, mas, também, envolvidas com condutas temporais em suas relações com os índios e colonos.

Palavras-chave: Jesuítas; Espírito Santo; Ação missionária e temporal.

Abstract: This article aims to analyze the Ignatian actions in Brazil against the backdrop of the 16th century Espírito Santo captaincy. In this approach we seek to understand how these Jesuit practices were conceived, being missionary, but also involved in temporal conduct in their relations with the Indians and settlers.

Keywords: Jesuits; Espírito Santo ; Missionary and Temporal Action.

Artigo recebido em: 15 dez. 2018

Aprovado em: 19 fev. 2018

¹ Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória-ES. Graduado em História, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: julianljl@gmail.com.

Introdução

A atuação inaciana além-mar tinha especificações bem definidas quanto aos seus principais objetivos, como podemos observar nas Constituições Jesuíticas que ficaram prontas em 1550. Assim, segundo essas leis “[...] o objetivo e fim desta Companhia percorrer as diferentes partes do mundo, às ordens do Supremo Vigário de Cristo Nosso Senhor, ou do Superior da Companhia, para pregar, confessar e utilizar todos os meios possíveis de ajudar as almas, com a divina graça, [...]”²

Nesse sentido os jesuítas deveriam converter os infiéis, que no caso do Brasil eram os índios, e ao mesmo tempo fundar colégios com o propósito de promover uma doutrinação cristã. Para tanto, a ordem inaciana se utilizou do ensino das primeiras letras, ao qual adotaram o plano de estudos denominado *Ratio Studiorum*, que corresponde aos atuais níveis fundamental, médio e superior³

No que tange a questão da doutrinação dos infiéis a Companhia de Jesus fundou uma série de aldeias que tinha por intento provocar a catequização definitiva dos indígenas, afastando-os do contato com outros índios que não aceitavam a conversão e ao mesmo tempo mantendo-os em um regime controlado pelos religiosos para que pudessem efetivamente convertê-los na doutrina cristã católica. Nessa lógica, Maria José dos Santos Cunha nos dá uma ideia de como eram organizadas essas aldeias sobre o prisma dos missionários jesuítas⁴.

As fontes insistem na pregação, doutrinação e confissão desenvolvidos numa prática diária que abrangia adultos, jovens e crianças. Começava-se ao romper do dia com a catequese para quem não era ainda cristão, seguia-se a missa, que não era obrigatória aos dias de semana, antes de saírem da área das casas para trabalharem nas roças. O final da tarde era reservado aos batizados para quem eram preparadas sessões de catequese em

² CONSTITUIÇÕES. *Da Companhia de Jesus e normas complementares*. São Paulo: Editora Loyola. 2004, p. 115

³ VILLALTA, Luiz Carlos. A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). *À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 172

⁴ CUNHA, Maria José dos Santos. Os jesuítas no Espírito Santo 1549 – 1759: contactos, confrontos e encontros. 2014. 331 f. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Évora. Évora, 2014

separado. As crianças ficavam na escola onde aprendiam a ler, escrever e contar e eram educados [...]Os homens eram estimulados a trabalharem nas roças, em regime de propriedade individual, a fazerem plantações e a praticarem uma produção excedentária que garantisse a subsistência da família e pudessem vender aos portugueses⁵

De forma bem abrangente a atuação inaciana deveria se resumir nessas duas perspectivas apontadas, uma no plano da conversão dos indígenas no Brasil com a prática do que se convencionou denominar de aldeia e por outro lado no cuidado com a educação cristã que abrangia tanto índios como colonos. Mas é observável que a ação dessa ordem foi muito além do que a catequese ou a prática de ensinar.

1. Adaptabilidade jesuítica

Por que podemos afirmar que a atuação jesuítica vai muito além da catequese e da questão da educação? Para podermos iniciar esse entendimento faz-se necessário conhecer como estava dividida a hierarquia desses religiosos. As atividades dos padres e irmãos jesuítas eram atreladas por um padre Superior da Missão, esse deveria obediência a um padre Provincial, os provinciais deveriam acompanhar o andamento de várias missões em seus territórios e eram subordinados a um Visitador, quando esse era considerado necessário em uma dada região, por conseguinte, o Provincial e o Visitador obedeceriam às ordens do Geral da Companhia, que era subordinado ao Papa⁶.

Como os inacianos estavam espalhados em várias regiões do globo esse contato, seguindo a lógica hierárquica, era bem comprometido, uma vez que se utilizava de cartas para conseguirem se comunicar, quando não era possível o contato pessoal, que ocorria na maioria das vezes. Assim, dependiam dos seus ensinamentos para resolverem questões singulares que não foram de nenhuma forma pensada pela ordem religiosa. E quando

⁵CUNHA, 2014, p. 253 – 254

⁶ SABEH, Luiz Antônio. *Colonização Salvícola: os jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. 2009. 155 f. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

pensamos nas bases teóricas que mantinham unidade a ordem lembramo-nos dos Exercícios Espirituais e das Constituições, sendo que uma complementava a outra “As Constituições completam os Exercícios Espirituais, uma vez que estes, cuidam da parte espiritual e individual e aquelas cuidam da vida em grupo, isto é, organizam a Companhia de Jesus e a vida de seus membros⁷.

Investigando de forma mais profunda essas duas bases teóricas que davam coesão a ordem jesuítica percebemos que elas possibilitavam certa liberdade para os inacianos atuarem de diferentes formas com o propósito de conseguir levar a cabo o ensejo principal que seria a conversão dos gentios e o cuidado com a questão da educação. Uma vez tendo certa liberdade para atuarem em questões que consideravam importantes para esses propósitos, percebemos que os jesuítas fizeram frente a uma série de situações que fogem do que seria o seu foco inicial.

Mas como os Exercícios Espirituais de Loyola e as Constituições e Normas Complementares Jesuíticas davam essa brecha para que os inacianos tivessem certa liberdade de atuação? Sem que houvesse a necessidade de esperar por meses, ou até anos, uma resposta dos seus superiores e já poderem agir frente a questões singulares?

Em seu primeiro tópico os Exercícios Espirituais deixam claro o que ele de fato é e qual seu objetivo, assim entende-se

[...] todo o modo de examinar a consciência, de meditar, de contemplar, de orar vocal e mentalmente, e de outras operações espirituais, conforme adiante se dirá. 3 Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, da mesma maneira todo o modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de tiradas, buscar e achar a vontade divina na disposição da sua vida para a salvação da alma, se chamam exercícios espirituais⁸.

⁷ ARNAUT, Cézár; RUCKSTADTER, Flávio Massami. Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540). *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 1, 2005.

⁸ LOYOLA, Inácio de. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

Percebe-se que ele exigia um exercício particular de tomada de consciência, através da meditação e da contemplação, para que o indivíduo conseguisse manter o caminho virtuoso de uma vida cristã. Portanto, trabalha o discernimento para que procure encontrar o caminho do recomendável, do íntegro, do probó. Diante dessas qualidades propostas pelos Exercícios Espirituais os inicianos teriam um maior embasamento diante de situações conflituosas, extraordinárias e raras para atuarem conforme sua consciência. Lembrando que um dos critérios para entrar na ordem era conhecer os Exercícios Espirituais, ou seja, os inicianos estavam aptos, pelo menos em teoria, para conseguirem essa forma superior de contemplação e meditação⁹.

Além dos Exercícios Espirituais, as Constituições também davam uma base de liberdade para a atuação iniciano. Em um de seus trechos ela afirma que a ordem deveria “[...] utilizar todos os meios possíveis de ajudar as almas, com a divina graça, [...]”¹⁰ logo percebemos que ela possibilita uma liberdade de agir de acordo com a capacidade de discernimento, isso provocou uma certa variedade de ações dos jesuítas ao atuarem no contexto social, político e econômico dentro do Brasil. Portanto,

confrontados a novas situações, a dados desconhecidos do centro romano, isolados de seus superiores, os jesuítas dispersos devem poder agir segundo o seu discernimento, sem prescrições. A adaptabilidade não é imposta pela prática a uma regra que teria sido concebida de forma muito rígida e que se revelaria impossível de aplicar; ao contrário, ela está prevista nas *Constituições* como sendo a contrapartida necessária a toda regra. Cada regra remete o jesuíta à sua capacidade de discernimento e à sua liberdade de agir.¹¹

A própria formação dos inicianos, baseada na Doutrina Casuística, tendo influência do probabilismo, durante a segunda metade do século XVI, provocou um aperfeiçoamento de agir em situações de incertezas de regras morais, estabelecendo que, nesses casos, para não cometer erros, seria melhor seguir uma opinião

⁹ SABEH, 2009, p. 33-34

¹⁰ CONSTITUIÇÕES, p. 115

¹¹ WITTMANN, Luísa Tombini. Adaptabilidade jesuítica e tradução cultural nas aldeias da América Portuguesa. *Revista História e Cultura*, Franca, v. 3, n. 2, 2014.

provável, agindo de acordo com uma opinião plausível e que contasse com defensores respeitáveis¹². Dessa forma, os jesuítas “[...] com seus acertos e impasses, buscaram estratégias de superação face aos problemas experimentados de modo a conseguir a adaptação do modelo exportado aos fins práticos da conquista das almas”¹³.

Percebemos que a atuação inaciana experimentou diferentes formas de atuar, sendo respaldada por uma conjuntura de delimitações dentro da própria ordem que permitia certas liberdades e adaptações, desde que não provocasse nenhum tipo de problema aos anseios cristãos. Uma vez observada essa questão, vamos exemplificar com a capitania do Espírito Santo algumas dessas formas de agir e se adaptar que caracterizava a ordem inaciana.

2. Novas formas de agir no Espírito Santo

Em uma primeira perspectiva chama atenção a forma como a primeira aldeia jesuítica foi inaugurada na capitania espírito-santense. Um dos filhos de Gato Grande, atuando como emissário, chegou ao Espírito Santo procurando Coutinho para tentar trazer sua tribo que se encontrava em perigo no Rio de Janeiro. Como o donatário estava ausente voltou para Guanabara, mas antes conversou com os principais da vila, inclusive com os jesuítas da situação ao qual se encontravam. Estes ficaram sensibilizados e tão logo Coutinho retornou atuaram com advogados dos Temiminós e conselheiros do capitão para que pudessem recebê-los¹⁴. Percebe-se a laboração inaciana em questões de cunho político, como também sua capacidade de argumentação, astúcia, tenacidade e espírito combativo. Essa postura dos jesuítas de resolver conflitos ou atuar como conselheiros de autoridades, por exemplo, tem por base a pedagogia escolar ao qual estavam atrelados, no qual estimulava a disputa oral entre eles. Promoviam-se tribunais simulados para provar a capacidade de argumentação de cada um, colocando em jogo as qualidades que a ordem admirava¹⁵.

No que tange a arquitetura pode-se dizer que foram os primeiros arquitetos da capitania, fundando, no século XVI, colégio, residências, santa casa e templos. Animaram os moradores na edificação de fortes e foram responsáveis, mesmo que de forma

¹² VILLALTA, 2002, p. 176

¹³ CUNHA, 2014, p. 96

¹⁴ CUNHA, 2014, p.205.

¹⁵ VILLALTA, 2002, p. 174

indireta, para a construção de obras que atualmente figuram entre as mais importantes do estado do Espírito Santo. Assim, agiram indiretamente na construção dos fortes de São Miguel e de São Marcos que defenderam a cidade do ataque pirata comandado por Thomas Cavendish em 1592¹⁶. Aliás, deve-se constatar que a ação inaciana na defesa da capitania foi muito mais marcante, orquestrando e animando índios para lutarem contra invasores, ou até mesmo agindo nas linhas de frente da batalha com estandartes de santos, como o fez Brás Lourenço com a bandeira de São Tiago, implorando misericórdia contra um ataque dos franceses¹⁷.

Ajudaram, também, na construção do Convento da Penha promovido pelo franciscano Frei Pedro de Palácios, em 1558, uma vez que sem a catequese começada por Afonso Brás, em 1551, em Vitória e Vila Velha, Palácios teria dificuldade em encontrar mão de obra para a construção do Convento sete anos depois¹⁸.

Sobre a fundação da Santa Casa, segundo investigações do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, ela teve origem na Irmandade de Misericórdia, fundada em Vila Velha em 1545, e da qual foi capelão o padre Anchieta, sendo transferida em 1605 para Vitória onde passou a funcionar na Igreja da Misericórdia, construída com produtos de legados beneficentes¹⁹. Era comum para os jesuítas cuidarem da questão da saúde, sua ação nessa área pode ser observada em todas as regiões onde se fixaram, obrando no tratamento de doenças e epidemias, como as que ocorreram no Espírito Santo e levaram a óbito grande quantidade de gentios, fundando hospitais, estudando plantas curativas e mantendo eficientes boticas e enfermarias²⁰. Os inacianos também atuavam no cuidado de “[...] índios feridos pelas guerras, de parturientes, drenavam pântanos para melhorarem as condições dos aldeamentos e reforçavam a alimentação dos doentes²¹.

¹⁶ BITTENCOURT, Gabriel. Anchieta e a obra jesuítica no Espírito Santo. Vitória: Edit, 1999, p.50..

¹⁷ BALESTRERO, Heribaldo Lopes. *A obra dos jesuítas no Espírito Santo*. Viana: s/e, 1979, p. 21.

¹⁸ BALESTRERO, 1979, p.21

¹⁹ BALESTRERO, 1979, p.129.

²⁰ CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e Medicina no Brasil. *Tempo*, Rio de Janeiro, n. 19, 2005, p.62

²¹ CALAINHO, 2005, p. 68

3. Festas, teatros e entronização.

Outro ponto que merece destaque é sobre as realizações inicianas no que concerne a organização de festas, teatros e entronização na capitania do Espírito Santo, mas antes de entrar nesse mérito é importante salientar que as Constituições não permitiam nem a música em celebrações, sobre a justificativa que os jesuítas deveriam se concentrar nas atividades missionárias, sendo seu tempo demais precioso para ser dispensado em assuntos que a princípio não seria importante. Dessa forma

Sendo tão importantes as ocupações que assumimos para auxiliar as almas, e tão próprias do nosso Instituto e tão assíduas, e sendo, por outro lado, a nossa residência tão instável, ora neste ora naquele lugar, não recitarão os Nossos as Horas Canônicas em coro, nem celebrarão Missas e Ofícios cantados²².

Mas, como já foi analisado e contextualizado, os jesuítas tinham certa liberdade para agir e se adaptar as novas perspectivas que eles consideram importantes. Assim, em 1584, foi organizada a festa das onze mil virgens, onde os religiosos estimulavam silvícolas e fiéis para distraí-los e propor o gosto pela religião, por meio de diversões piedosas e tradicionais. Outra festa importante era a de São Maurício, padroeiro de Vitória, realizada a 22 de setembro, que possuía uma confraria destinada aos estudantes e outra aos negros e índios²³.

Também foi marcante nesse período a entronização na Igreja de Reritiba, no dia 15 de agosto de 1590, da imagem de Nossa Senhora da Assunção, quando organizaram uma grande festa, sendo o auto assistido por muitas pessoas, proclamando a fé no catolicismo e na Virgem Maria. Sobre o teatro anchietanofoi organizado os autos: Na noite de Natal, São Lourenço, São Sebastião, Diálogo do P. Pero Dias Mártir entre outros²⁴.

Ainda nessa questão podemos concluir que

A música, que não fazia parte das cerimônias litúrgicas da Companhia de Jesus, se tornou usual a partir do encontro com o outro. De um lado, a alteridade musical nativa incitou padres a

²² CONSTITUIÇÕES, 2004, p. 152

²³ BALESTRERO, 1979, p.24

²⁴ BITTENCOURT, 1999, p. 48

cantarem nas aldeias coloniais; de outro, a adaptabilidade jesuítica, como caráter dos membros daquela instituição religiosa, garantiu sua longevidade entre os indígenas da América. A música tornou-se, assim, elemento fundamental da tradução religiosa entre ameríndios e missionários²⁵

Nesse sentido, percebemos a atuação inaciana em várias frentes, além da catequese e da questão educacional, tiveram uma ação no Espírito Santo, e de uma forma geral em todo Brasil, em questões que inicialmente não faziam parte de sua alçada e se tornaram importantes agentes não só na parte missionária, mas também temporal. Maria José dos Santos Cunha resume bem como foi o trabalho inaciano na capitania espírito-santense

O seu desempenho como mediadores e interlocutores em momentos críticos, conduzi-os ao exercício dum máximo de funções, missionários, confessores, capelães, intérpretes, linguistas, professores, exploradores, geógrafos, etnólogos, administradores e, pela falta de oficiais na colônia, aprenderam todos os ofícios. Tornaram-se a maior força disciplinar na capitania em aspectos espirituais e temporais: proibiram a poligamia, o concubinato, estimularam casamentos, forçaram os portugueses a voltar aos costumes morais do reino, pela lei auferiam de isenções tributárias que os colocava em vantagem fiscal sobre concorrentes. Pelos investimentos feitos, sobretudo em terras e no comércio, tornaram-se parte do grupo dos que ajudaram a passar o Espírito Santo de simples assentamento de colonos na margem do rio Santa Maria em verdadeira colônia. Foram grandes proprietários de terras, de gado, produtores de açúcar, de produtos hortícolas excedentários para os mercados locais e regionais, produtores e comerciantes de produtos artesanais e senhores de grandes recursos de mão-de-obra. Agregando ao poder espiritual o poder económico reforçaram a sua força e autoridade na capitania²⁶

²⁵ WITTMANN, 2014, p.4

²⁶ CUNHA, 2014, p.272

Considerações finais

Baseados nos Exercícios Espirituais de Loyola e nas Constituições e Normas Complementares Jesuíticas, os inicianos iniciaram um processo de adaptação frente às singularidades encontradas no Brasil. A adaptabilidade em situações inusitadas bem como a liberdade metodológica que a ordem inicianiana permitia, davam aos religiosos uma possibilidade de ação que resultou em certa maneira de agir e pensar que teve grande repercussão em vários aspectos da sociedade quinhentista. Dessa forma, este trabalho buscou elucidar como ocorreu essa nova maneira de proceder jesuítica que mesclava a todo momento a ação missionária com a temporal. Isso extrapolava, muitas vezes, as questões de cunho religioso, permitindo, assim, atrelar a assuntos que teoricamente não deveriam fazer parte de sua alçada.

Referências

ARNAUT, César; RUCKSTADTER, Flávio Massami. *Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540)*. Acta Scientiarum, Maringá, v. 24, n. 1, 2005.

BALESTRERO, Heribaldo Lopes. *A obra dos jesuítas no Espírito Santo*. Viana: s/e, 1979.

BITTENCOURT, Gabriel. *Anchieta e a obra jesuítica no Espírito Santo*. Vitória: Edit, 1999.

CALAINHO, Daniela Buono. *Jesuítas e Medicina no Brasil*. Tempo, Rio de Janeiro, n. 19, 2005.

CONSTITUIÇÕES da Companhia de Jesus e normas complementares. São Paulo: Editora Loyola. 2004.

CUNHA, Maria José dos Santos. *Os jesuítas no Espírito Santo 1549 – 1759: contactos, confrontos e encontros*. 2014. 331 f. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Évora. Évora, 2014.

DAEMON, Basílio Carvalho. *Província do Espírito Santo – sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística*. Vitória: Typ. Do Espírito Santense, 1879. Disponível em: <<http://www.ape.es.gov.br>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

FREIRE, Mário Aristides. *A Capitania do Espírito Santo: crônicas da vida capixaba no tempo dos capitães-mores (1535-1822)*. 2.ed. Vitória: Flor & Cultura, 2006.

FREITAS, Camila Corrêa e Silva. *A missão jesuítica como ação política: aldeamentos, legislação e conflitos na América Portuguesa (séculos XVI-XVII)*. Revista História e Cultura, Franca, v. 3, n. 2, 2014.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

_____, Inácio de. *O relato do peregrino: autobiografia*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. 3 ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

SABEH, Luiz Antônio. *Colonização Salvícola: os jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)*. 2009. 155 f. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

SALETTTO, Nara. *Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização no Espírito Santo*. 2. Ed. Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998.

SANTOS, Fabrício Lyrio. *Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia*. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2014.

VILLALTA, Luiz Carlos. *A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos*. In: PRADO, Maria Lígia Coelho;

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes*. São Paulo: Edusp, 2002, p. 172.

WITTMANN, Luísa Tombini. *Adaptabilidade jesuítica e tradução cultural nas aldeias da América Portuguesa*. Revista História e Cultura, Franca, v. 3, n. 2, 2014.